

## **Hibridismo Cultural No Cinema: Uma Análise Através Do Olhar Do Estrangeiro De Nelson Brissac No Filme “Boi Neon”<sup>1</sup>**

Bárbara Maria de Alencar Granja<sup>2</sup>

Bibiana Belisário Santana<sup>3</sup>

Ricardo Rigaud Salmito<sup>4</sup>

Universidade Federal do Cariri - UFCA, Juazeiro do Norte, CE

**Resumo:** No trabalho a seguir trazemos o filme Boi Neon (2015), dirigido por Gabriel Mascaro, para o campo da observação por meio dos processos híbridos empregados. Investigando a construção dos corpos a partir da inversão dos papéis binários de gênero, masculino e feminino, identificamos onde o olhar de fora do contexto, do estrangeiro, que traz o autor Nelson Brissac, alcança as divergências e afinidades do posto com o lugar. A partir de uma metodologia de cunho analítico ressaltamos dentro da obra cinematográfica como o novo Nordeste se apresenta diante de suas posturas desviantes do singular, que lhes é socialmente atribuído, reconhecendo as re-construções em cima da região.

**Palavras-chave:** Boi Neon; Hibridismo Cultural; Identidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduanda em jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), babilencar@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda em jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), bibianabelisario@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), ricardo.salmito@ufca.edu.br.

## **Introdução**

Estamos inseridos em uma sociedade onde identidades são construídas através de discursos culturais e sociais, submetidos a disciplinas incessantes que normatizam os corpos a compor um panorama que se restringe a dois gêneros, masculino e feminino. Dentro deste espaço repleto de imagens que reforçam modelos e padrões vigentes a moldar estes sujeitos, o cinema surge como um território onde se permite a existência de um campo complexo de representações, com referências a estilos já existentes, porém abafados por tradições que levam a um pensamento único.

O olhar sobre nossa própria essência nos foge ao controle. A história das civilizações ocidentais demonstra que a versão oficial dos fatos sempre foi orientada pelo olhar do dominador, do conquistador, conforme assinalou Nelson Brissac: “...situar o olhar, histórica ou psicanaliticamente, não é descrever limites, determinações objetivas, mas também sondar a realidade complexa das suas intencionalidades” (PEIXOTO, 1988, p. 361).

As produções do universo cinematográfico contemporâneo se debruçam de forma crescente à contextualizar-se por meio do mapeamento das identidades culturais e nacionais, dando ênfase ao recorte em torno das discussões de gênero, raça e classe, que são questões estruturais em que também mobilizam tipos estereotipados de representações. Embora seja uma discussão ainda inicial, cada vez mais vemos trabalhos com abordagens que permitem refletir sobre desconstruções, que não necessariamente se anula os cromossomos X e Y, porém aborda realidades que não condiz com o naturalizado.

Encarar este novo território e adotar uma postura de ‘olhar do estrangeiro’, pode se considerar como a questão que atravessa, nos últimos anos, o pensamento e a arte contemporânea, pois é visto como uma perda de sentido das imagens que constituíam nossa identidade e lugar. Os desafios, desta forma, são inerentes a qualquer período de transição, pois trata-se de repensar as práticas comunicacionais, diante da

---

inevitabilidade de um novo cenário, que não será nunca mais único, não é mais o da representação, mas o do processo visualizado.

O cinema voltado a abordar o nordeste brasileiro, se consagra copiosamente como um espaço a ser representado por paisagens áridas e personagens voltados a expor o conservadorismo patriarcal do lugar. Contudo, também se caracteriza como um lugar propício para encontros e significações, sendo uma das suas diversas funções: a prática social, a qual amplia possibilidades e produz efeitos que convidam a reavaliar conceitos, provocando reflexões. É o caso de *Boi Neon* (2015), longa-metragem dirigido e roteirizado pelo cineasta pernambucano Gabriel Mascaro, que pode ser definido como um retrato do cotidiano no agreste pernambucano, enfatizando transversalidades na caracterização das personalidades.

### **Hibridizando-se**

A hibridização cultural é um acontecimento natural, histórico-social, que surge desde os primeiros deslocamentos humanos, quando estes resultaram em contatos permanentes entre grupos distintos (CARDOSO 2008). O continente latino-americano é um lugar por excelência para a ocorrência desse processo, pois é um espaço de imigração e migração desde eras remotas. De acordo com João Batista Cardoso (2008), todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se a comungar com outros costumes e crenças da terra estrangeira, levando seu ritmo que une ao que encontra, iniciando o processo de hibridismo.

Um importante registro sobre o andamento dos debates sobre hibridismo no Brasil e no restante do mundo é feito por Stelamaris Coser (2005). Para ela, numa época de grandes mudanças, migrações e deslocamentos, a discussão sobre hibridismo vincula-se justamente à questão das fronteiras, buscando escapar dos tradicionais binarismos, como os que se apresentam no filme *Boi Neon*, masculino x feminino, adulto x criança, humano x animal.

Stuart Hall é uma peça fundamental para se entender a construção da identidade na pós-modernidade como um processo “em andamento, impuro e híbrido”. Em *A*

---

*Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Hall (2001, p. 8) mostra que o próprio conceito de identidade é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”.

Abordar o “olhar estrangeiro” acerca dessa análise nos traz reflexões como a de que forma podemos compreender todo esse processo de hibridação com uma visão ampla sobre o que está lá, passou a pertencer aquele lugar, mas não somos capazes de ver como nosso. Brissac (1988) aponta:

...não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber (...) é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delinea aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são (PEIXOTO, 1988, p. 363).

O que se qualifica como um costume masculino? E como uma prática feminina? Hoje, busca-se repensar conceitos identitários como comunidade e nação. Um dos primeiros usos do hibridismo segundo Coser (2005, p. 165) vem justamente do biológico, no momento em que se tentava entender as misturas entre espécies de animais ou plantas, geralmente com conotações desfavoráveis para o ser “híbrido”, ressaltando-se apenas possíveis “infertilidades”.

No hibridismo não se perde características, somam-se e trazem a tona lugares já existentes, porém mascarados para tais olhares. Para Butler (2003), o gênero surgiu para contestar a ideia de que o fator biológico seria o destino, e que, apesar de o sexo parecer algo determinado, o mesmo não poderia ser dito do gênero, já que este se refere a uma construção cultural, sendo uma interpretação diversificada do sexo.

Contudo, a ideia de hibridismo desenvolvida pela biologia vai aos poucos migrando para outros campos até chegar à chamada crítica cultural contemporânea, que vamos encontrar autores como por exemplo o Néstor García Canclini, que o Teixeira Coelho (1997) o usa como referência em seu *Dicionário Crítico de Política Cultural*,

---

dentro da discussão sobre culturas híbridas, onde sua conceituação não se distancia do pensamento do autor, quando aponta que:

A hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. [...] A hibridização não é mero fenômeno de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos híbridos (orientados ao mesmo tempo para o racional e o afetivo, o lógico e o alógico, o eidético e o biótipo, o latente e o patente) que, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado. (COELHO, 1997, p. 125-126)

Canclini (2006) amplia suas preocupações para a cultura latino-americana como um todo, discutindo as relações entre tradição e modernidade a partir do processo de hibridação das culturas em curso nos pólos erudito, popular e massivo. A definição de hibridação se volta a ser caracterizada como processos socioculturais que surgem em primeiro plano separadamente, porém no fim combinam-se para se transformar em novas estruturas.

### **Boi Neon: o que converge e diverge**

Enfatizando uma transversalidade na características dos personagens que, a princípio, gera um estranhamento no receptor, apresenta um jogo de opostos cuja reflexão de papéis de gênero ganham enfoque, os personagens se desprendem de corpos socialmente construídos sob a ótica do sertão nordestino.

Para tanto, o cineasta Gabriel Mascaro quebra a perspectiva estereotipada de um Nordeste seco, marcado pelo cangaço, coronelismo e pobreza, como afirma Albuquerque (2011):

Determinadas práticas diferenciadoras dos diversos espaços são trazidas à luz, para dar materialidade a cada região. A escolha de elementos como o cangaço, a messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados capazes de dar

---

uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região que se forma, como na sua relação com outras regiões. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 51-52)

Em contraste a isso Mascaro dá espaço para uma narrativa que promove uma ideia de um sertão em desenvolvimento, que está passando por uma constante evolução e lida com um processo de formação de identidade e relações humanas. Dessa forma, o diretor promove uma abordagem desconstrutiva do entendimento sobre resistência e tradição, pluralizando o universo da representação do nordeste rural, tipicamente machista, cruzando uma linha do gado à moda. Assim, quebra-se paradigmas e como Albuquerque (2007) traz:

As tradições são sempre invenções feitas por grupos humanos numa determinada época. Não há algo tradicional desde sempre e nada do que é tradicional está isento de modificação, de transformação. A mudança cultural nem sempre necessita destes monstros externos para ocorrer. Aliás, pensar uma possível exterioridade entre o que fariam os grupos culturais ditos tradicionais e a sociedade inclusiva, é mais uma vez ficar preso à lógica da identidade, que pensa esta possibilidade de fechamento de dados grupos, manifestações culturais, espaços, tempos em torno de si mesmos, que afirma esta pretensa possibilidade de que a produção cultural construa uma diferença em relação a um exterior do qual deve se proteger. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 16)

Conservar e congelar são ideias diferentes. A tradição é contínua e no processo de continuidade a bagagem vai ganhando volume, não perdendo. Assim, é como o gênero, solidificou-se a ideia do feminino e do masculino atribuída a mulher e ao homem, nessa ordem. Segundo Butler (2003), a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do mesmo, que inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, são compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Isto posto dentro do filme, se destaca por meio da história dos personagens, como por exemplo o Iremar (Juliano Cazarré), vaqueiro de aparência máscula que almeja ser estilista, trabalhar com moda e fabricação de roupas. Mascaro relata:

---

No filme proponho não necessariamente a inversão de gênero, mas a dilatação destas representações. A partir da ritualização do ordinário, tento não fazer destes deslocamentos de gênero algo sensacionalista, mas sim normalizar essas curvas. E para muito além da psicologia dos personagens, eu engajo o filme através da presença corpórea dos personagens e em todo o 44 entorno que esta coreografia é capaz de mobilizar enquanto experiência. O filme não segue necessariamente a jornada de um personagem protagonista, mas aposta na experiência performática enquanto potência. É um filme de personagens estranhos, de experiências intensas, mas pouco sabemos quem são essas pessoas e porque nos envolvemos com elas. O filme registra o cotidiano e as contradições mínimas de uma rotina de trabalhadores (MASCARO apud MEIRELES, 2016, s/p).

Trazer o cotidiano em sua essência para a cena pode proporcionar duas reações, uma completamente efêmera e naturalizada e a outra de completo estranhamento. Na primeira situação, a informação das ideias presentes no nosso cotidiano já se tornou tão familiar que não percebemos quão híbrida é a nossa casa, ruas, lojas, vestimentas e etc. Tudo isso foge à vista por vivermos de maneira intrínseca a essa realidade. Na segunda, é como trazer um Chinês ao centro do Juazeiro do Norte (CE). Vai gerar a sensação de novidade, mas também encontrará nos detalhes influências do seu lugar. Os corpos constituem-se de partes. Cabelo, roupa, acessórios e até expressões, não há fronteiras para interpretações quando compreendemos o que nos coloca a aderir determinado estilo ou função.

### **Considerações finais**

O filme *Boi Neon*, nos traz a reflexão diante de um olhar estrangeiro pois, faze-se enxergar práticas do nosso cenário cotidiano que, ao mesmo tempo consideradas absurdas, estão naturalizadas ao ponto de serem ignoradas, reconhecendo a imagem do sertão nordestino unicamente pelo patriarcado intrínseco já institucionalizado por construções sociais. O longa metragem desafia o espectador a construir uma interpretação livre de rótulos e definições.

Peter Burke (2003) afirma que a hibridização, quando considerada uma via de mão dupla, pode se transformar num instrumento de inovação e resistência, pois por

---

mais que alguns compreendam como uma transformação que resulte em perdas culturais, pode analisar como uma mistura heterogênea que termina se transformando na criação de algo novo e diferente. Se houvesse o exercício de olhar como uma novidade seria um processo de conhecer para criar-se abordagens do que é visto.

Destarte, os personagens e suas respectivas histórias, nos permitem analisar transversalidades que desconstroem narrativas a quais se desprendem do modelo clássico, obtendo a desmistificação de estereótipos de gênero, especialmente acerca de questões como a representação da masculinidade sertaneja, da maternidade e do feminino.

Sendo assim, o presente trabalho nos proporciona compreender identidades, que transpassam o caixa do masculino e feminino, onde percebemos que a forma de compreendermos o que é instituído ao mundo não parte de algo natural pertencente ao corpo, mentes e práticas, mas sim, de um efeito de construções culturais. Enxergarmos um ser fora de pensamentos pré-estabelecidos é como conseguir desprender-se de tradições, pois passamos a ver a pluralidade de pertencimentos, não anulando um por ter menor “impacto” que outro, mas sim buscando compreender que corpos híbridos não se tem uma só raiz, mas sim raízes que lhe fazem próprios de universos.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR., D. M. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, G. (Org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: Edufba, 2007, p. (16)

**BOI Neon**. Direção de Gabriel Mascaro. Produzido por: Desvia, Malbicho Cine e Viking Films. Imovision. Brasil, 2015.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Edusp. 2000.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006.

CARDOSO, J. B. **Hibridismo Cultural na América Latina. Itinerários** – Revista de Literatura, nº 27. p. 79-90, 2008. Disponível em: Acesso em: 24 jun. 2018.

COELHO, Teixeira. Culturas híbridas. In: **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Fapesp; Iluminuras, 1997.

COSER, Stelamaris. **“Híbrido, hibridismo e hibridação”**. IN: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Conceitos de Literatura e Cultura. Niterói: Ed. UFF Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**, p. 12. Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIRELES, Adalberto. Gabriel Mascaro: **“Boi Neon é um filme sobre a transformação”**. A Tarde. Salvador, 2016. Disponível em:  
<<http://atarde.uol.com.br/cinema/noticias/1739123-gabriel-mascaro-boi-neon-e-um-filme-sobre-a-transformacao-premium>>. Acesso em 24/06/2018 às 18:01.

PEIXOTO, N. B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, A.(Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 361-365.